



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – DCH- DEPARTAMENTO
DE CIÊNCIAS HUMANAS – CAMPUS XVIII CURSO DE
LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

JOALISSON GOMES DOS SANTOS

**FEIRA LIVRES DE EUNÁPOLIS NO EPA 2022: O ENSINO E APRENDIZAGEM
SOBRE PATRIMÔNIO CULTURAL LOCAL A PARTIR DA EQUIPE
BRASILIDADE CITY.**

**Eunápolis – BA
2025**

JOALISSON GOMES DOS SANTOS

FEIRA LIVRES DE EUNÁPOLIS NO EPA 2022: O ENSINO E APRENDIZAGEM SOBRE
PATRIMÔNIO CULTURAL LOCAL A PARTIR DA EQUIPE BRASILIDADE CITY.

Trabalho apresentado à Universidade do Estado da
Bahia- UNEB - Departamento de Ciências Humanas
– campus XVIII, como requisito parcial para
conclusão do curso de Licenciatura em História .

Orientadora: Ivanice Ortiz Teixeira

Banca Examinadora

Lorena Michelle Silva dos Santos

Thaís dos Santos Vinhas

Eunápolis – BA
2025

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pois, como diz a fraternidade, “Tu me escolheste, pois só em ti minha alma achou descanso”. Minha gratidão também à Nossa Senhora d’Ajuda, por nunca esquecer deste filho ao longo deste período de estudos.

Agradeço a todas as professoras da rede pública por onde passei, que plantaram em mim o amor pela educação. Em especial, à minha mãe, Jocilene Coutinho, por tirar da sala de aula o sustento de nossa família, por sua dedicação em transformar a vida de tantas crianças na periferia, e por ser minha maior inspiração. Estendo minha gratidão às mulheres da minha família, especialmente minha avó Alzira e minhas tias Sonilda e Damiana, que, com sabedoria e amor, foram grandes professoras sobre a vida. Dedico este trabalho à professora Maria Eduarda, por todo o apoio, compreensão e incentivo para que eu concluísse os planos de Deus em minha vida e na vida

Meu reconhecimento e agradecimento vai também à professora Lorena Michelle, cuja orientação e incentivo foram muito importantes para que eu não desistisse no meio do processo. Obrigado por tudo, especialmente por me ajudar a compreender que a educação é o meu lugar e que a educação pública, gratuita e de qualidade é um direito pelo qual vale a pena lutar.

Por fim, não posso deixar de agradecer a todos os estudantes da rede pública que tive o privilégio de conhecer, especialmente aos estudantes do CIEB, Baden Powell, e às minhas crianças da Escola Municipal Maria das Mercês, que têm meu coração. Agradeço também aos trabalhadores que fazem acontecer as feiras livres da cidade. São eles que mantêm viva uma parte de nossa cultura e história, contribuindo para que eu pudesse realizar este trabalho.

FEIRA LIVRES DE EUNÁPOLIS NO EPA 2022: O ENSINO E APRENDIZAGEM SOBRE PATRIMÔNIO CULTURAL LOCAL A PARTIR DA EQUIPE BRASILIDADE CITY.

Joalisson Gomes dos Santos

RESUMO

O trabalho busca analisar o processo de ensino e aprendizagem sobre patrimônio cultural local a partir da participação da equipe intitulada Brasilidade City, no projeto EPA de 2022, que foi desenvolvido no Complexo Integrado de Educação de Eunápolis. A equipe trabalhou com as feiras livres da cidade, a Feira do Bueiro e a Feira do Rato, refletindo como esses espaços possuem muitas vivências e histórias de sujeitos que contribuem para constituição da história da cidade. A metodologia da pesquisa desse artigo, foi desenvolvida através da coleta de depoimentos dos participantes da equipe, além da análise das imagens do álbum, que foi produzido pelos discentes no desenvolvimento do projeto. O cruzamento dessas fontes foi importante para identificar o aprendido, inquietações, e novas percepções dos discentes sobre patrimônio cultural local.

Palavra-chave: Ensino e aprendizagem. Patrimônio Cultural Local, EPA

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- Mercado Central Dona Alzira (Feira do Bueiro)	15
Figura 2- Barracas e vendas	23
Figura 3- Entre garrafadas e bebida	23
Figura 4- Capa do álbum Brasilidade City	29
Figura 5- Antiga Feira do Rato na Santo Dumont	30
Figura 6- Produção de beiju na Feira do Bueiro	32

SUMÁRIO

Introdução.....	06
1 . Contribuição do EPA no reconhecimento do patrimônio cultural local.....	10
1.2 As Feiras Livres de Eunápolis.....	13
1.3 Implementação do projeto EPA em Eunápolis.....	16
2. As Feiras Livre como patrimônio cultural.....	21
2.1 O álbum da equipe Brasilidade City.....	24
Conclusão.....	36
Fontes orais.....	37
Referências.....	38

INTRODUÇÃO

O projeto EPA (Educação Patrimonial e Artística), desenvolvido pela Secretaria de Educação do Estado da Bahia desde 2012, surge como uma ferramenta importante para promover a compreensão da importância de reconhecer, dialogar sobre patrimônio cultural no ambiente escolar.

O EPA visa proporcionar aos estudantes a possibilidade de identificar o patrimônio de suas comunidades, buscando uma reflexão a partir do reconhecimento e da valorização. O projeto se estende a colégios estaduais da Bahia, abrangendo alunos do Ensino Médio, embora tenha uma temática comum em todas as cidades sendo ela a presença dos patrimônios nas realidades locais. Cada escola e comunidade interpreta e vivencia o projeto de maneira única, com base nas realidades locais e regionais.

Ao focar na educação patrimonial e artística, o EPA fomenta a reflexão sobre as relações sociais, políticas e culturais que envolvem o patrimônio local. Através de metodologias de pesquisa e trabalho de campo, os alunos são estimulados a investigar o patrimônio de sua cidade. Um exemplo disso é a feira livre, que se tornou tema central no projeto da equipe Brasilidade City em 2022, desenvolvido no Complexo Integrado de Educação de Eunápolis (CIEE). O projeto contou com a atuação de cinco alunos do 2º e 3º anos do Ensino Médio e teve como objetivo analisar a feira livre, não apenas como um espaço de comércio fundamental para a cidade, mas também como um local que possibilita compreender o processo histórico de Eunápolis e de seus sujeitos.

A temporalidade dos dados coletados na pesquisa foi definida para 2022, pois foi o período de desenvolvimento do projeto Brasilidade City. Além de ter feito o meu estágio remunerado em 2022 no CIEE, tive contato com a equipe Brasilidade City e com os alunos envolvidos no projeto. O nome da equipe Brasilidade city foi escolhido durante as discussões entre os alunos envolvidos no projeto. Ele reflete a afirmação da identidade brasileira e a valorização de manifestações culturais frequentemente associadas a grandes centros urbanos ou pontos turísticos. No entanto, a equipe buscou destacar como essas características também se manifestam em cidades do interior, como Eunápolis, especialmente por meio das feiras livres. Nessas feiras, percebe-se uma expressão autêntica da brasilidade na forma de comercialização, nos produtos vendidos e no público envolvido. Assim, o Brasilidade remete

a essas expressões culturais brasileiras, enquanto o City representa a cidade de Eunápolis, evidenciando seu papel na construção e preservação de uma identidade cultural própria.

Por meio das discussões promovidas na disciplina de Educação Patrimonial no curso de licenciatura em História, na UNEB-campus XVIII, reconheci a importância do EPA, desde a escolha da temática até o desenvolvimento do projeto, além da contribuição do ensino aprendizagem sobre patrimônio cultural, que contribui para a valorização de sujeitos e espaços que muitas vezes negligenciados, mas que são fundamentais para a construção e compreensão da história da cidade de Eunápolis. Dessa forma, este artigo possibilita compreender e incentivar as abordagens sobre patrimônio cultural local no ambiente escolar, mobilizando práticas pedagógicas que conectam os alunos à sua realidade e à história de seu próprio município. Nesse sentido, a feira livre de Eunápolis, embora desempenhe um papel central na vida cotidiana da cidade, enfrenta um processo de apagamento histórico, que a impede de ser reconhecida como um espaço legítimo de manifestação da memória e da cultura local. Esse apagamento está intimamente ligado à marginalização das vivências e saberes dos sujeitos que frequentam a feira, como feirantes e consumidores, o que contribui para a desvalorização de sua importância no processo de construção da história da cidade

Esse processo de apagamento desses espaços chega à sala de aula, visto que, antes do projeto, os alunos participantes manifestavam o não reconhecimento desses espaços, como patrimônio cultural. Ou seja, existe uma valorização dos espaços da elite e uma desvalorização dos espaços periféricos. No caso da feira livre, isso gera um olhar negativo, a partir do não reconhecimento da história daquele espaço, resultando em uma invisibilidade, que está intimamente ligado à marginalização das vivências e saberes dos sujeitos que atuam na feira. Dessa forma, a pesquisa procurou problematizar como o projeto EPA de 2022, desenvolvido no Complexo Integrado de Educação de Eunápolis, contribuiu para o reconhecimento histórico das feiras livres, enquanto espaço que representa o patrimônio cultural local? Assim, ao longo do trabalho foi possível analisar como a construção do álbum mobilizou nos discentes, envolvidos no projeto, um processo de consciência histórica e conhecimento sobre o patrimônio cultural local na cidade de Eunápolis.

Nesse contexto, a relevância da pesquisa justifica-se pelo fato de contribuir com a historiografia local a partir da produção acadêmica que enfoque o olhar ampliado sobre patrimônio cultural, e a importância desses saberes nos espaços escolares, a exemplo dos projetos que são desenvolvidos através do EPA.

Assim, o projeto

EPA desempenha um papel fundamental no desenvolvimento do protagonismo juvenil ao estimular os estudantes refletirem sobre sua própria identidade e a se engajarem ativamente na preservação e promoção cultural. Em suma, esse processo de reconhecimento identitário e pertencimento local (SOUSA.p5)

Contudo, o EPA auxilia neste processo de reconhecimento de espaços como importantes para a história local, a partir da conscientização que o projeto propõe, ao incentivar o aluno a reconhecer e a valorizar espaços como importante para a cidade. Isso envolve várias questões, sendo a primeira o reconhecimento do espaço por meio da convivência do aluno, em locais próximos a ele. Isso gera um movimento de ampliação do olhar, permitindo que o aluno reconheça outros espaços, para além dos espaços centrais e elitizados da cidade. Outro ponto é que o projeto provoca nos alunos o engajamento com os espaços que eles reconhecem como patrimônio, levando em consideração a necessidade de o projeto ser estruturado por meio de fotos, depoimentos e outros recursos didáticos.

Portanto, este trabalho está estruturado em duas partes, a primeira parte dedica-se a compreender o conceito de EPA (Educação Patrimonial e Artística) e a analisar sua implementação na cidade de Eunápolis. Nesse contexto, destaca-se o papel do programa no reconhecimento de patrimônios locais, evidenciando como os projetos desenvolvidos contribuíram para identificar e valorizar patrimônio da região. A segunda parte do trabalho concentra-se na feira livre de Eunápolis, que foi tema do EPA 2022, conduzido pela equipe Brasilidade City. Nessa etapa, investiga-se como a feira foi abordada como um patrimônio, considerando tanto seus aspectos materiais quanto imateriais. Além disso, analisa-se o processo de registro e valorização desse patrimônio por meio do álbum produzido pela equipe.

Nesse sentido, o presente artigo busca compreender como o EPA contribui no processo de ensino e aprendizagem e valorização do Patrimônio Local, além de ampliar percepção dos alunos sobre os espaços e sujeitos que compõem a realidade ao seu redor. Parte das evidências utilizadas na narrativa foi extraída a partir do uso de fontes orais, o que propiciou uma relação mais próxima com o tema e os sujeitos históricos em estudo. Foram coletados 7 depoimentos. Os sujeitos históricos presentes nesta pesquisa foram selecionados a partir das suas vivências no projeto, 5 são discentes participantes da equipe Brasilidade City, além do depoimento da articuladora do EPA no NTE 27 e do articulado do projeto da equipe Brasilidade City

Ao contrário da maioria dos documentos históricos, as fontes orais não são encontradas, mas cocriadas pelo historiador. Elas não existiriam sob a forma que existem sem a presença, o estímulo e o papel ativo do historiador na entrevista feita em campo. Fontes orais são geradas em uma troca dialógica, a entrevista: literalmente, uma troca de olhares. Nessa troca, perguntas e respostas não vão necessariamente em uma única direção. (POTELLI,1997, p .7)

As entrevistas foram conduzidas no formato semiestruturada, uma escolha importante por se tratar de história oral e do registro de experiências tendo em vista que esse modelo permite que os participantes relatem suas memórias e vivências. Esse formato foi aplicado a partir do desenvolvimento de três tipos de roteiros de perguntas, sendo que o primeiro foi direcionado aos alunos, para compreender suas experiências no projeto e aprendizagem sobre História e Patrimônio Local, o segundo roteiro foi elaborado para o articulador e orientador do EPA, com o objetivo de compreender as relações de ensino e aprendizagem que norteiam o projeto. Assim, entender a feira através dos depoimentos que revelam essas relações entre os feirantes e o espaço é fundamental para compreender a influência da feira no projeto e como a experiência da feira livre proporciona discussões relevantes para o processo de ensino e aprendizagem sobre Patrimônio Cultural Local.

A análise do álbum produzido pelos discentes, também fez parte do rol das fontes utilizadas na pesquisa. Possibilitou entender como os estudantes perceberam as questões que envolvem a feira livre, quais discussões eles abordaram com as fotos e quem são os sujeitos com os quais tiveram contato durante a visita de campo, assim, o álbum se tornou uma fonte histórica importante sobre a feira livre. Além de uma possibilidade de estratégia didática para ser trabalhada nas aulas de História.

1 - CONTRIBUIÇÃO DO EPA NO RECONHECIMENTO DO PATRIMÔNIO CULTURAL LOCAL

O projeto Educação Patrimonial e Artística vem sendo desenvolvido nos contextos escolares pela Secretaria da Educação do Estado da Bahia, desde 2012, com o objetivo de promover experiências em políticas culturais para a juventude estudantil na busca da compreensão do patrimônio cultural para entendimento do tempo passado, presente e futuro. A educação patrimonial permite a identificação e valorização do patrimônio histórico e artístico e das manifestações culturais da sociedade. (Secretaria da Educação da Bahia, 2022).

O EPA, Educação Patrimonial e Artística, teve seu início em 2012, promovido pela Secretaria de Educação da Bahia. Este projeto é destinado aos colégios estaduais da Bahia, abrangendo estudantes do primeiro ao terceiro ano do ensino médio. O EPA ainda se desenvolve em cada cidade de um modo particular. A escolha da equipe se baseia não só na atuação do projeto, mas também no reconhecimento do patrimônio.

Segundo a depoente Maria Eduarda Miranda (2024), participante da equipe Brasilidade City em 2022:

Todo mundo vai, mas ninguém nunca para pra reparar dessa forma. Então, desse jeito, não. Nunca parei pra perguntar, por exemplo, qual a história da pessoa, quanto tempo ela estava lá, por que ela estava naquele determinado lugar, porque, como decorrer do trabalho, eu descobri que tem outras feiras e que até a feira foi muito marginalizada, uma coisa que a gente não para pra reparar. A gente pensa, é um lugar tão simples só pra vender, comprar, um sábado ali, dia de feira e tal, mas requer e tem muito conhecimento que a gente não sabe e muito marginalizado¹

A temática escolhida pela equipe Brasilidade City, possibilitou discussões importantes sobre o patrimônio local da cidade de Eunápolis, a exemplo das feiras livres. Assim, o projeto EPA contribui para análise do reconhecimento e aprendizagem dos diversos patrimônios baianos que fazem parte da comunidade ou possivelmente das vivências dos jovens. Segundo Barros (1886.p5), essa variação inclui patrimônios imateriais, materiais, culturais e ambientais, dessa forma, o EPA possibilita o acesso dos estudantes para a essas diversidades, potencialidades de patrimônios através da proximidade e familiaridade dos próprios alunos com os tipos de patrimônio.

De acordo com a Secretaria de Educação da Bahia (2023), o EPA tem sua fase inicial dentro do ambiente escolar, onde são lançadas a proposta do projeto, os objetivos e a base teórica. Segundo o depoente kaique Zamerim, participante do EPA 2022 pela equipe Brasilidade City no Centro de Integração de Educação da Bahia, situado no município de Eunápolis cita :

Nas fases iniciais, é necessário que tenhamos noções básicas sobre o tema que iremos trabalhar e sobre metodologias. Eu achava chato, porque já queria ir para a visita de campo. Mas, no momento da visita de campo, notei como foi importante ter um conhecimento prévio sobre a feira antes de estar nela. Eu já sabia o que perguntar. Muitas vezes, o que os feirantes entendiam como normal, eu compreendia como uma vítima do racismo estrutural, e esses termos eu só aprendi por causa da parte teórica que o EPA oferece no início.²

¹ Entrevista concedida por Maria Eduarda Miranda . Ex-aluno do CIEB, Participante do EPA 2022 . Rua Marechal Rondon, Doutor Gusmão, Eunápolis, BA n. 500.. Nascido em 05/10/2004. Entrevista 01/04/2024.

² Depoimento kaique Zamerim. Ex-aluno do CIEB, Participante do EPA 2022 .Rua Alameda - Centauro Oeste Eunápolis - BA, n. 21.. Nascido em 05/10/2006. Entrevista 01/04/2024.

A fase inicial do projeto, tende a ser fundamental para compreender os tipos de patrimônios que fazem parte do cotidiano dos alunos, além da memória histórica que permeia aquele patrimônio. O aluno tem um conhecimento prévio, contudo é necessário fomentar discussões para ampliar esses conhecimentos e este processo acontece nas fases iniciais entre a relação de orientador e aluno no processo de pesquisa.

Após as discussões e apresentações sobre o projeto EPA no ambiente escolar, formam-se grupos compostos por cinco alunos e um orientador. Esses grupos começam a buscar e compreender os patrimônios ao redor da realidade deles. Segundo a Secretaria de Educação da Bahia (2022), esse processo dá liberdade ao aluno para procurar os patrimônios do seu cotidiano, tendendo a ser uma forma de democratização dos patrimônios. Segundo Paim (2018, p. 17) em seu artigo Democratização à Pluralização do Patrimônio, discutindo com a teoria de Toner (2005), o processo de reconhecimento do patrimônio tende a ser, por direito, uma ação democrática de acesso a todos. Além de democrático, é necessário que aconteça uma ação de pluralização do acesso aos patrimônios.

Para isso acontecer, é essencial ter um olhar atento para que os alunos compreendam como um patrimônio local faz parte da história daquela comunidade e de que forma geram pertencimento. A fala da depoente Suzy Madalena, responsável por organizar e avaliar os projetos artísticos e culturais do NTE 27, ajuda a compreender melhor a estrutura do projeto ao citar :

Então, esses cinco se reúnem e vão pesquisar o que é interessante no meu município, no meu vizinho, na redondeza, no município perto, ou até no território. que a ideia é que o aluno foque a pesquisa dentro do território. E ele escolhe o tema a partir desse tema, com a orientação do professor, aí eles vão fazer estudos, pesquisa, texto, vai até o local. pesquisar, tirar fotos, pode fazer entrevista com pessoas que estejam naquele local, pessoas idosas, mais antigas, um museu, se estiver no lugar, um arquivo municipal que tenha fotos, que tenha a história daquele lugar. Então, eles vão criando e o resultado final é um álbum, um texto que não precisa ser muito grande, é uma mostragem do que eles fizeram, de como eles fizeram, qual a temática, o que eles descobriram acerca desse tema, e fotos originais .³

O objetivo do EPA é reconhecer os patrimônios materiais e imateriais locais que, em várias situações, sofrem silenciamento ou invisibilidade perante os patrimônios nacionais. Esse reconhecimento vem da escolha e do cotidiano dos alunos em que eles se encontram.

³ Entrevista concedida por Suzy Madalena. Articuladora dos projetos artístico do NTE 27Av. Duque de Caxias - Centro, Eunápolis - BA. Entrevista 23/04/2024.

Sendo assim, a BNCC sugere, na Habilidade EF03HI04, que o ensino sobre patrimônio deve ir além do reconhecimento dos bens culturais, abordando também as dinâmicas sociais, políticas e culturais que os envolvem (BRASIL, 2017). Dessa forma, o EPA se embasa nessa proposta, incentivando os alunos a buscarem um patrimônio próximo da sua realidade, problematizar sobre ele e, como resultado, levantar discussões e percepções. Segundo o guia básico da educação patrimonial (2018) desenvolvido pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), isso desenvolve no aluno o reconhecimento do passado, gerando um movimento para compreender e buscar mudanças no presente. No caso do patrimônio, esse movimento possibilita compreender as relações envolvidas desde o passado e os frutos desse processo, além de proporcionar noções da importância da preservação desse patrimônio.

Os Projetos Estruturantes constituem uma categoria de ação composta por um conjunto de projetos que, além de implementarem políticas educacionais, buscam a reestruturação dos processos e gestão pedagógica, a diversificação e inovação das práticas curriculares e, como consequência e foco principal, a melhoria das aprendizagens. O diálogo entre esses projetos, possibilita uma maior articulação, que otimiza a organização do trabalho pedagógico na escola e as aprendizagens dos estudantes. (Secretaria da Educação da Bahia, 2022).

Contudo, o EPA se encontra como subprojeto dentro dos projetos estruturantes. É claro que essas diretrizes, que regem e incentivam a criação de projetos como o EPA, não se desenvolvem da noite para o dia, mas são fruto de um conjunto de relações políticas e discussões teóricas que influenciam a aplicação de leis e refletem na criação e desenvolvimento desses projetos ao longo do tempo.

1.2 AS FEIRAS LIVRES DE EUNÁPOLIS

A proposta do projeto EPA é desenvolver uma compreensão aprofundada dos espaços significativos para os alunos, enfatizando a conexão entre aprendizado e reconhecimento da história local. No contexto do EPA 2022, realizado no NTE 27, a equipe Brasilidade City explorou as feiras livres de Eunápolis, promovendo atividades que integram o ensino de história à vivência prática. Esse trabalho destacou as feiras como componentes essenciais da identidade cultural e histórica da cidade. Para compreender a importância desse espaço, é fundamental discutir o que caracteriza uma feira livre e como ela se consolidou ao longo do tempo, evidenciando seu valor tanto para a cidade quanto para o EPA.

Segundo Mascarenhas (2008, p. 75), esse tipo de espaço como a feira livre cumpre funções econômicas e sociais relevantes, proporcionando trocas comerciais e interações culturais no contexto urbano. Além de ser um importante meio de abastecimento e recurso financeiro para inúmeras famílias, a feira livre também preserva a história dos sujeitos e do espaço que a acolhe. No caso das feiras estudadas pela equipe Brasilidade City, a exemplo da feira do Bueiro, Pequi, do Rato —, esses locais se desenvolvem em paralelo à própria trajetória de construção da cidade de Eunápolis, refletindo aspectos culturais e históricos desse ambiente.

A depoente Alzira Coutinho, feirante a mais de 40 anos cita:

Eu fui criada na roça e, desde criança, trabalhava nela. Com 14 anos, por volta de 1964, vinha para a cidade vender os produtos que plantávamos, como pimenta, milho e farinha. Naquela época, a cidade era pequena, nem era cidade, era povoado, só tinha mato, mas a feira, que ficava onde hoje é o centro, já era grande e tinha de tudo. Eu vendia e comprava coisas para levar para a roça, como açúcar, vela, querosene e carne. Muita gente da roça vinha para cá e acabava ficando na cidade. Eu mesma me mudei para cá em 1973, porque era mais fácil conseguir trabalho começou a ter os primeiro bairros perto da feira e perto dos córregos ⁴

A cidade de Eunápolis, situada no extremo sul da Bahia, nem sempre teve o título de cidade. Em seus primórdios, começou como um povoado que pertencia aos municípios de Porto Seguro e Santa Cruz Cabrália. Sua formação teve início em 1949, com a chegada dos trabalhadores envolvidos na construção das rodovias BR-101 e BR-367.

Nas décadas que se seguiram, com a chegada de mais pessoas atraídas pelas promessas de emprego nas obras das rodovias, pelas demandas por serviços além do crescimento do comércio, o núcleo urbano acelerou sua dinâmica de desenvolvimento (CUNHA.2018)

Com o passar do tempo, o povoado apresentou um expressivo crescimento geográfico e populacional, o que, em 1988 através da Lei Estadual 4770/1988, contribuiu para sua emancipação política e transformação em município. Para compreender esse processo de crescimento populacional, é necessário analisar a conexão com o êxodo rural, que resulta na migração de trabalhadores do campo para a cidade. Esse movimento populacional, além de alterar a dinâmica social e econômica da área, também impulsionou novas formas de

⁴ Depoimento Alzira Coitinho. Ex-Feirante da feira do Bueiro .Rua Av. Dom D Pedro II- Centro, Eunápolis - BA.. Nascido em 17/06/1952. Entrevista 01/11/2024.

integração entre o campo e a cidade, como as feiras livres que já tinha seu papel desde do povoado como cita nossa depoente Sebastiana :

Sou de uma roça em Minas, mas cheguei à cidade muito nova, em 1965. Meu papai morreu lá em Rubim e tudo ficou difícil na roça . os mascate falavam que aqui era bom para trabalhar, então viemos para cá. Só tinha mato e não tinha muito trabalho na cidade o que tinha era a feira do Rato, que hoje é a feira do Bueiro. Trabalhei lá até me aposentar, vendia o que aprendi com minha avó. Ela me ensinou a fazer garrafada e lambedor. Eu ajudei a curar a gripe de muito menino nessa cidade . Com o dinheiro da feira, consegui construir minha casa aqui no Pequi, porque era mais fácil.⁵

As feiras livres, enquanto espaços de comercialização e troca, desempenharam um papel crucial nesse processo, servindo como pontos de encontro entre a população rural migrante e a urbanização crescente. Elas não só contribuíram para a fixação de migrantes na cidade, mas também se tornaram centros econômicos essenciais, estimulando o crescimento urbano e a adaptação de uma população originária do campo às novas demandas da vida urbana.



Mercado Central Dona Alzira (Feira do Bueiro)
Fonte: acervo pessoal.

⁵ Depoimento Sebastiana . Ex-Feirante da feira do Bueiro .Rua Av. Dom D Pedro II- Centro, Eunápolis - BA.. Nascido em 28/30/1945. Entrevista 02/11/2024.

As feiras ganham espaço na cidade e na história local, destacando-se entre elas o Mercado Dona Alzira, mais conhecido como Feira do Bueiro. Essa feira está localizada na divisa entre o bairro Gusmão e o centro da cidade, com dois pontos principais sendo elas a Rua Duque de Caxias e a Rua Dom Pedro II. Segundo Levi Cunha (2018), a Feira do Bueiro surgiu como parte de um projeto urbanístico implementado pelo então prefeito Guerrieri, que transferiu os feirantes da antiga Feira do Rato, localizada no centro da cidade, para o espaço onde a atual Feira do Bueiro está situada. Essa mudança visava promover a reorganização e adequação dos comerciantes. Contudo, a Feira do Bueiro enfrenta, atualmente, diversos problemas sociais e estruturais, que se tornam especialmente evidentes em períodos de chuva, como

descreve Dona Alzira:

Comecei a trabalhar na Feira do Rato mais mudou de lugar, e foi uma confusão porque ninguém queria sair, mas acabaram mudando mesmo assim. Fui trabalhar onde hoje é a Feira do Bueiro, mas não gostava muito. Quando chovia, a água levava tudo, o córrego enchia, e ficava cheio de bichos como sapos e ratos. Ficava um cheiro forte. Até hoje esse problema continua, porque ainda tenho conhecidos na feira que reclamam disso⁶

Tendo em vista a problemática entre a Feira do Rato e a Feira do Bueiro, a cidade ainda mantém a Feira do Rato, localizada nos becos do Calçadão, no centro da cidade. Conhecida como a primeira feira da cidade, ela é formada por becos onde não há exposição de barracas nas ruas. Em vez disso, os feirantes se organizam dentro de suas próprias casas e garagens, permanecendo nesse espaço tanto para morar quanto para vender seus produtos. Contudo, apesar de sua relevância histórica, a Feira do Rato carece de visibilidade, sendo vista como um local cercados pelos prédios e lojas ao seu redor. Ainda assim, ela persiste até os dias atuais e funciona de segunda a sábado, preservando suas tradições.

Além da importância das duas principais feiras da cidade, destaca-se a Feira do Pequi, localizada nas ruas Bela Vista e Ana Neri, no bairro Pequi. Essa feira também cresceu em razão do aumento populacional do bairro. Embora funcione ao longo da semana, seu dia principal é o sábado. Com um público formado por trabalhadores informais e pequenos agricultores, a Feira do Pequi enfrenta desafios semelhantes aos das outras feiras citadas. Atualmente, está cercada por mercados, lojas de roupas e outros comércios, o que afeta diretamente o processo de compra na feira. Além disso, enfrenta problemas sociais, como relatado pela feirante Maria José:

⁶ Depoimento Alzira Coitinho. Ex-Feirante da feira do Bueiro .Rua Av. Dom D Pedro II- Centro, Eunápolis - BA.. Nascido em 17/06/1952. Entrevista 01/11/2024.

Trabalho nas duas feiras daqui da cidade, a Feira do Bueiro e a Feira do Pequi. Gosto de trabalhar nas duas porque, dependendo do mês, uma pode ser melhor que a outra. Mas, na verdade, as feiras estão com menos movimento. Aqui no Pequi, por exemplo, não se vê mais a feira como era antes. Antigamente, nem tinha tantos mercados e lojas, mas hoje o povo prefere comprar nesses lugares. Acho que é porque são mais bem visto e também a feira ficou mais perigosa, com meninos que usam drogas e cachaça andando por lá, sem fazer nada. Isso atrapalha quem quer trabalhar de verdade. O povo acaba preferindo pagar mais nos mercados, mesmo.⁷

As três feiras trabalhadas pela equipe Brasilidade City são espaços com características próprias, localidades e identidades construídas através do povo que trabalha e frequenta os espaços da feira. Contudo, mesmo apresentando processos diferentes, é notório, como essas feiras são espaços que tem em comum a sua importância para a compreensão do patrimônio cultura local. Ao ponto de as feiras livres se tornarem tema de projetos que são desenvolvidos em escolas estaduais da região, especificamente as escolas do NTE 27.

1.3 IMPLEMENTAÇÃO DO PROJETO EPA EM EUNÁPOLIS

O EPA (Educação Patrimonial e Artística) se iniciou em 2012 pela Secretaria de Educação da Bahia, que buscou desenvolver e incentivar o projeto nos territórios da Bahia, sendo o EPA inserido nos projetos artísticos e culturais, projetos já recorrentes nas escolas estaduais. Contudo, especificamente em Eunápolis, o EPA teve seu início em 2013 na região, desenvolvendo os projetos estruturantes como cita a depoente Suzy Madalena, responsável pelos projetos estruturantes do NTE 27:

Eu acredito que, no início, o EPA foi muito difícil, porque até o professor ficava sem entender como é que ele vai desenvolver, qual era o tema. foi o primeiro ano que foi mais difícil a partir do segundo e do terceiro ano que eu acredito que as pessoas aprendem muito com o ver, quando eu vejo o outro fazer, então aquilo bate aquela ideia, por esse caminho que ele andou, então é esse caminho que eu tenho que ir então assim, dos dez anos para cá, posso dizer que dos cinco anos para cá, os trabalhos são excelentes porque é um trabalho todo de pesquisa.⁸

⁷ Depoimento Maria Jose de Jesus . Feirante da feira do Bueiro e Pequi .Rua Av. Dom D Pedro II- Centro, Eunápolis - BA.. Nascido em 20/08/1977. Entrevista 02/11/2024.

⁸ Entrevista concedida por Suzy Madalena. Articuladora dos projetos artístico do NTE 27Av. Duque de Caxias - Centro, Eunápolis - BA.Entrevista 23/04/2024.

O EPA se torna um projeto de resistência contra essa desigualdade patrimonial. O primeiro passo da ação do projeto é reconhecer um espaço que faz parte do cotidiano do aluno. O segundo passo é reconhecer esse espaço através das relações e questionamentos sociais e históricos que o embasam, como no caso da feira livre de Eunápolis. Portanto, é nítido esse movimento de resistência e construção de uma história mais democrática, gerando um dos principais objetivos do EPA que é desenvolver uma educação patrimonial democrática e acessível.

O EPA em Eunápolis como citado anteriormente, foi implementado ao extremo sul por meio do Núcleo Territorial de Educação (NTE) 27, que se dedicou a desenvolver o projeto não apenas na cidade, mas também em outras localidades com escolas estaduais. Dessa forma, é possível perceber a diversidade de realidades e patrimônios culturais abordados ao longo dos anos nas iniciativas de uma educação patrimonial conduzidas pelo núcleo.

Contudo essa educação patrimonial, nesse sentido, não deve ser vista apenas como um instrumento auxiliar das políticas de preservação de um patrimônio, mas sim como uma metodologia fundamental para a construção de uma consciência crítica sobre o patrimônio cultural. Conforme destacado pelo IPHAN (2016), essa abordagem deve ir além da simples transmissão de informações sobre bens culturais, promovendo a reflexão sobre os sentidos e significados atribuídos ao patrimônio pelas próprias comunidades.

Dessa forma, a educação patrimonial não se limita à instrução formal sobre o valor histórico de um bem cultural, mas envolve um processo ativo de percepção, apropriação e ressignificação. Esse processo permite que os sujeitos compreendam que o patrimônio não é estático nem imutável, mas sim um campo de disputas e negociações simbólicas, no qual diferentes grupos sociais reivindicam suas memórias e identidades.

Além disso, a prática educativa no campo do patrimônio deve considerar a diversidade cultural e os diferentes olhares sobre a história, reconhecendo que diferentes comunidades podem atribuir significados distintos a um mesmo bem. Como discute o IPHAN (2016), a valorização do patrimônio através da educação patrimonial passa necessariamente pelo reconhecimento dos saberes locais e da participação ativa dos indivíduos na construção das narrativas sobre sua própria cultura.

Contudo é notório discutir como ao longo da história o patrimônio foi abordado como algo destinado à criação e preservação pelas/para elites, faz com que esse distanciamento gere um sentimento de não pertencimento ou ausência de importância dos patrimônios presentes

no cotidiano dos eunapolitanos. Isso abre a discussão sobre as dificuldades enfrentadas por professores e alunos em reconhecer os patrimônios no início do EPA, é possível compreender essa dificuldade, através da fala da depoente Suzy Madalena:

E o interessante do EPA, principalmente, é que as pessoas, assim, tem um preconceito ou uma visão sobre Eunápolis, né? As pessoas falam assim, vamos falar o que sobre patrimônio de Eunápolis? Eunápolis tem cultura? É um questionamento que é ser feito. E aí você fala assim, certas coisas você não encontra na cara a cara. Você precisa investigar, você precisa descobrir. E foi realmente o tema escolhido para o ano de 2022. Não foi um tema direcionado por coordenação pedagógica, mas foi um tema de necessidade, de curiosidade do grupo⁹

Contudo, é necessário compreender que essa construção de pensamento está entrelaçada não apenas nas relações históricas, mas também geográficas e sociais. Assim, o projeto EPA em Eunápolis, é desenvolvido em escolas localizadas em espaços periféricos, tem como desafio refletir sobre as disputas de memória e os silenciamentos culturais desses bairros. Nesse sentido, o conhecimento pode se transformar em pertencimento e valorização.

A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos, e, nesse sentido, é em constante evolução, sujeita à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todas as utilizações e manipulações, suscetível a longas latências e repentinas revitalizações (NORA, 1993, p. 9).

Pierre Nora, em seu livro *Entre Memória e História*(1993), discute como há uma disputa sobre a memória, que é formada por lutas, conquistas, pausas e apagamentos. Ele destaca que a memória é construída por pessoas vivas em determinado contexto, estrutura ou situação, o que possibilita manipulações, apagamentos ou seletividade. Essa disputa pela memória também pode ser vista na falta de reconhecimento dos patrimônios da cidade de Eunápolis, e podemos compreender este processo através da fala do entrevistado Claudionor Teixeira, que cita:

Uma cidade próxima a nós, Porto Seguro, todo mundo fala Porto Seguro, aonde nasceu o Brasil. Mas quando você fala Eunápolis, você não ver falando. Você vai, por exemplo, Eunápolis tem uma característica muito grande de não ter uma coisa assim. Ah, qual o prato típico de Eunápolis? qual é a dança típica de Eunápolis? Coisas que você vê em outras regiões. E aí você vai ver que a expertise ali do grupo, vamos pesquisar sobre uma coisa que passa de forma banal na nossa vida, é importante, mas ninguém se debate com

⁹ Entrevista concedida por Suzy Madalena. Articuladora dos projetos artístico do NTE 27Av. Duque de Caxias - Centro, Eunápolis - BA. Entrevista 23/04/2024.

isso, ninguém busca pegar isso. Quando vão falar de patrimônio, principalmente, as pessoas acham que patrimônio de Eunápolis é a igreja matriz e a sua praça. E o que mais? Mais nada.¹⁰

Contudo, é importante observar essa falta de atenção aos patrimônios de Eunápolis entrelaçado na construção da cidade. Para Muniz Sodré, em "O Terreiro e a Cidade", a construção de narrativas históricas sobre uma determinada cidade se dá através dos interesses locais de poder, classe e cor, abrindo a discussão para a disputa de memória.

A escassez do reconhecimento patrimonial que o entrevistado Claudionor cita, revela a necessidade de um reconhecimento histórico na abordagem dos patrimônios da cidade. Essa lacuna reflete na construção de narrativas seletivas sobre a cidade, baseadas na sua constituição enquanto cidade, gerando temáticas como a primeira igreja situada na zona central e figuras públicas que compraram os primeiros lotes da cidade, sendo eles fazendeiros e empresários que continuam a ter uma marca forte na história de Eunápolis, enquanto a memória estiver em disputa e o foco sobre a história de Eunápolis permanecer restrito a um determinado recorte econômico, estrutural e geográfico, haverá uma desvalorização de outros espaços, culturas e representações.

Contudo, o EPA, através da sua construção pedagógica, se torna um projeto que busca visibilizar locais na cidade de Eunápolis que foram invisibilizados e negados como importantes para a cidade. Esses locais incluem periferias, feiras, pontos de cultura e outros espaços presentes na realidade dos alunos. Para que isso aconteça, primeiro é importante analisar como o EPA busca compreender a participação do aluno como uma participação ativa e protagonista.

Segundo a depoente Ester Matias, participante do projeto, cita:

As feiras livres possuem uma importância cultural antiga. Foi possível observar através de histórias contadas que, acima da comercialização e venda, foi tornando tradição na família ser repassado os saberes e fazeres. Mas ae também ,hoje as feiras são alvo de crítica, sendo consideradas coisa antiga , e os de opções de grandes mercados não ,são visto como bom .¹¹

A feira livre no Brasil tende a ser um espaço presente no cotidiano das pessoas, sendo um local de comércio. Muito se diz sobre a feira, mas pouco sobre sua importância histórica

¹⁰ Entrevista concedida por Claudionor Pereira Teixeira. Coordenador pedagógico do CIEB Eunápolis . R. Paulino Mendes Lima, 674 - Centro, Eunápolis - BA. Entrevista 26/03/2024.

¹¹ Entrevista concedida por Ester Matias ,ex-aluno do CIEB, Participante do EPA 2022 . Rua Marechal Rondon, Doutor Gusmão, Eunápolis, BA n. 500.. Nascido em 10/60/2005. Entrevista 05/04/2024

para as cidades. Em Eunápolis, de acordo o historiador Levi Cunha (2018.p2), a cidade ganha forma através dos mercadores atraídos pela oportunidade de emprego que formaram as primeiras feiras da cidade. Sendo assim, podemos compreender o processo de criação da cidade através da feira e da sua importância histórica.

A cidade precisa ser compreendida como território vivo, permanentemente concebido, reconhecido e produzido pelos sujeitos que a habitam. É preciso associar a escola ao conceito de cidade educadora, pois a cidade, no seu conjunto, oferecerá intencionalmente às novas gerações experiências contínuas e significativas em todas as esferas e temas da vida (MOLL, 2009, p. 15).

Através da equipe Brasilidade City, foi possível compreender como o processo educacional, principalmente em relação ao reconhecimento e aprendizado sobre patrimônio é muito importante. Ou seja, o outro lado do muro da escola também deve ser considerado um ambiente de produção de saberes. Nesse caso, além de inserir os alunos como protagonistas do projeto, o EPA também inclui a comunidade e o espaço geográfico e social como participantes ativos nesse processo de ensino e aprendizagem, possibilitando construir uma compreensão mais democrática e acessível sobre patrimônio, escutando e registrando novas formas de conhecer a história de Eunápolis.

2. AS FEIRAS LIVRE COMO PATRIMÔNIO CULTURAL

Entre barracas e produtos, a feira livre se constrói como um espaço pulsante de vivências cotidianas, onde se transmite saberes tradicionais, práticas culturais e histórias de resistência. Mais do que um local de comércio, a feira se transforma em um lugar de memória, um espaço onde o passado e o presente coexistem, moldando a identidade coletiva da comunidade. Segundo Pierre Nora (1993), o conceito de local de memória de desenvolve a partir de pilares fundamentais sendo eles materialidade, simbologia e a funcionalidade.

São lugares com efeito nos três sentidos da palavra, material, simbólico e funcional, simultaneamente, somente em graus diversos. Mesmo um lugar de aparência puramente material, como depósito de arquivos, só é lugar de memória se a imaginação o investe de uma aura simbólica. Mesmo um lugar puramente funcional, como manual de aula, um testamento (...) só entra na categoria se for objeto de um ritual. (...). Os três aspectos coexistem sempre. (NORA, 1993, p. 21-22).

Portanto, as feiras livres da cidade de Eunápolis estão intrinsecamente conectadas aos três pilares apontados por Pierre Nora, sendo eles o material, o funcional e o simbólico. Esses

elementos se desenvolvem de maneira interligada no mesmo contexto e espaço. A feira é construída a partir de sua materialidade, representada pelas barracas, frutas, tabuleiros e todos os elementos físicos que compõem sua estrutura.



Barracas e vendas
Fonte:Zamerim¹²

Contudo, esses aspectos materiais estão diretamente relacionados à funcionalidade da feira, pois a existência desse espaço depende de sua funcionalidade de atender às necessidades da comunidade local, através das vendas e trocas, onde as interações contribuem para o dinamismo econômico da cidade como revela a fotografia acima, registrada no álbum da equipe Brasilidade City. No entanto, é necessário compreender que a feira livre não se define apenas por seu lado econômico ou material.

Segundo a autora Martha Abreu (2010, p.356), os novos patrimônios investigados e selecionados indicam a emergência de renovadas formas de se valorizar, comemorar e guardar memórias do passado, antes desvalorizadas, ou encobertas, até mesmo preteridas por uma ideia elitista e excludente de cultura, e de história. Como não iremos entendê-la e discuti-la nas universidades e escolas, fomentando o debate sobre a educação patrimonial.

Ao falar de patrimônio, o IPHAN (2012,p.13) destaca a presença do patrimônio imaterial que se desenvolve a partir dos saberes e modos de fazer, expressões culturais transmitidas de geração em geração que compõem a identidade de um grupo social como celebrações, danças, práticas artesanais e modos de vender, entre outros conhecimentos, e

¹² Fotografia tirada da feira do Bueiro, em visita de campo pela Equipe Brasilidade city 2022

também o patrimônio material, definido como os bens de natureza física, como edificações, mercados, monumentos, espaços públicos e objetos que carregam uma memória de um grupo . As feiras livres da cidade de Eunápolis se adequam a essas perspectivas de patrimônio material e imaterial porque enquanto patrimônios materiais, elas possuem uma materialidade nas barracas, nos produtos expostos, na organização dos espaços, entretanto, a feira também se manifesta o patrimônio imaterial, refletido nos saberes transmitidos entre gerações, na oralidade presente nas relações entre feirantes e clientes, e nas dinâmicas sociais além dos saberes presentes nos produtos que entrelaçam ao espaço da feira livre . Nesse sentido, a feira livre se constitui como espaço de histórias, saberes e identidades coletivas e podemos observar este processo com o depoimento da feirante Sebastiana.

Então, menino, eu nunca estudei. O que eu aprendi de remédio foi com minha avó. Agora já passei isso pra minha filha e minha neta. Nunca precisei anotar nada, porque ninguém sabia escrever também. Pra meu pai ,era só pegar uma folha de uma planta, uma raiz, e fazia um remédio bom. Hoje em dia, ninguém quer saber de remédio de mato; tudo é farmácia, e o povo vive doente. Por isso que, na feira, até doutor vinha atrás das minhas garrafadas, porque elas são boas de verdade¹³

¹³ Depoimento Sebastiana . Ex-Feirante da feira do Bueiro .Rua Av. Dom D Pedro II- Centro, Eunápolis - BA.. Nascido em 28/30/1945. Entrevista 02/11/2024.



Entre garrafadas e bebida
 Fonte: Maria Eduarda Miranda

A feira se desenvolve a partir dos produtos e do processo de venda, mas está intrinsecamente relacionada ao poder simbólico que permeia essas práticas. garrafada vendida em uma barraca não é apenas fruto de uma negociação entre o feirante e o cliente; ela carrega em si um simbolismo construído por saberes e práticas transmitidos de geração em geração. Como destacou dona Sebastiana ao aprender com sua avó e repassar esses conhecimentos para sua neta, há um valor histórico que vai além do aspecto econômico, tornando-se parte de um processo de preservação da memória coletiva.

O projeto desenvolvido pela equipe Brasilidade City no EPA 2022, exemplifica como a disciplina de História pode fomentar o senso crítico e investigativo nos alunos, mobilizando conhecimentos sobre os diversos tipos de patrimônio cultural, e sua importância para cidade. Segundo a depoente Maria Eduarda Miranda

Visávamos valorizar algo típico da nossa cidade, e com isso, buscamos nos aprofundar em conhecer o cotidiano dos feirantes. Ao longo de inúmeras pesquisas e

entrevistas direcionado , em diferentes feiras da cidade, fomos registrando momentos, sendo eles memorizados em um álbum, além diversas histórias sendo contadas.¹⁴

No trabalho realizado em 2022, foram utilizadas ferramentas pedagógicas da área da história , como a análise de imagens e a construção de questionários para a coleta de relatos orais, integrando esses recursos de maneira estratégica à pesquisa histórica para a construção do projeto e compressão da feira como um espaço histórico . Esse processo evidencia a eficácia do projeto em propor aos estudantes ferramentas que possibilite o desenvolvimento atividade que proporcione o processo de aprendizagem, reflexão e ações significativas através do protagonismo dos alunos, aliados as orientações do professor/a responsável, reconhecendo espaços e sujeitos como importante no contexto da história da cidade.

2.1 O Álbum da equipe Brasilidade City

O projeto EPA, enquanto iniciativa voltada para a educação, se constrói com a finalidade de desenvolver habilidades e competências nos alunos. No entanto, segundo Charlot (2013), o processo educacional precisa ter sentido e resultado, quando esses dois elementos estão ausentes , desenvolve-se uma aprendizagem frágil. No caso do EPA, a finalidade e o resultado estão alinhados, garantindo um processo educativo mais significativo e eficaz. O projeto se estrutura no sentido de promover o reconhecimento do patrimônio próximo ao aluno, mas vai além: não se trata apenas de identificar, mas também de registrar esse patrimônio por meio da produção de um álbum composto por fotos e entrevistas. Esse processo não só contribui para a preservação da memória local, como também gera novas fontes históricas, tornando os estudantes protagonistas na construção desse conhecimento. Como resultado final, o álbum é apresentado por região.

A produção de álbuns fotográficos sobre o patrimônio já consegue deter a atenção de uma quantidade grande de alunos para a importância do patrimônio e o desenvolvimento de uma sensibilidade histórica quanto à memória e ao passado. Além do desenvolvimento de habilidades, como o trabalho com relatos, fontes e fotografias na produção da história, uma história sob o olhar específico do aluno. Esta preocupação com a formação de uma consciência patrimonial e histórica é o

¹⁴ Entrevista concedida por Maria Eduarda Miranda . Ex-aluno do CIEB, Participante do EPA 2022 . Rua Marechal Rondon, Doutor Gusmão, Eunápolis, BA n. 500.. Nascido em 05/10/2004. Entrevista 01/04/2024.

objetivo destes trabalhos que foram e poderão ser produzidos na unidade escolar (CATRO.p14)

O Complexo Integrado de Educação de Eunápolis (CIEE), localizado no extremo sul da Bahia, se destaca pela participação em projetos estruturantes promovidos pelo estado da Bahia. Este artigo, entretanto, foca especificamente na participação do colégio em um desses projetos estruturantes: o EPA (Educação Patrimonial e Artística) no ano de 2022, o projeto foi desenvolvido entre o final de julho e o início de setembro, período marcado por etapas e objetivos definidos. A primeira fase do projeto teve como objetivo apresentar o EPA aos alunos, esclarecendo como seria conduzido, os critérios de participação e as ações necessárias. A partir desse primeiro contato, formou-se a equipe Brasilidade City.

Seguindo as orientações do projeto, a equipe foi composta por cinco alunos do instituto, provenientes de diferentes anos escolares, especificamente do segundo e terceiro anos do Ensino Médio, atendendo a uma das exigências do EPA, o grupo escolheu um nome que representasse sua identidade, adotando "Brasilidade City", demonstrando o alinhamento com os propósitos do projeto. Além da participação dos alunos, o envolvimento de um orientador é um requisito essencial no caso da equipe Brasilidade City, o orientador foi o professor Claudionor Teixeira, formado em Letras e História, que desempenhou um papel fundamental na condução e no suporte das atividades realizadas pelo grupo.

O EPA 2022, teve como tema as Feiras Livres, culminando na produção de um álbum que, a cada página, apresenta os resultados das investigações realizadas sobre as feiras livres de Eunápolis. Esse álbum não representa apenas o cumprimento das exigências do projeto, mas demonstra como o EPA possibilita ao estudante a aplicação das metodologias da ciência histórica, focado nas feiras livres de Eunápolis, o álbum integra diferentes linguagens e métodos da pesquisa histórica, como o uso de fontes visuais e orais

Contudo, a partir dessas metodologias, surge a discussão sobre como é essencial a presença de um orientador, de preferência formado em História, ou que o projeto esteja vinculado à disciplina de História, como foi o caso da participação da equipe Brasilidade City. Isso é destacado no depoimento de Maria Eduarda Miranda, participante da equipe Brasilidade City:

Era pra gente fazer o projeto em horários diferentes das aulas normais, porque lá no colégio de manhã tinha as aulas e à tarde as oficinas. Mas o nosso orientador usava muito as aulas de História pra falar de história oral, fontes fotográficas e história local. E aí, tudo isso que eu aprendia de manhã, eu acabava usando no projeto à

tarde no EPA. O mais legal é que eu percebi que essas coisas não servem só pra feira, sabe? Dá pra usar em outros lugares também, e isso abriu muito minha cabeça, tipo depois disso eu peguei e abri um Instagram sobre poemas mas que carga história local, a história das pessoas do meu bairro, além das fotografias que também faço.¹⁵

Para compreender também a importância deste orientador e de sua formação, o orientador Claudionor menciona em seu depoimento:

O EPA pode contar com orientadores de diferentes áreas, porque cada um pode contribuir de maneira única para o projeto. Mas, sendo bem sincero, na condução deste EPA, a participação de um professor de História foi fundamental. Digo isso porque, para orientar, precisei aplicar várias metodologias que aprendi no curso de História.

Por exemplo, ao usar história oral, não se trata apenas de fazer uma entrevista. É necessário criar um roteiro, saber como perguntar e, principalmente, como ouvir. O mesmo aconteceu com as fotografias, tirar fotos pode parecer simples, mas foi essencial compreender aquele espaço através delas. Essa compreensão foi algo que passei para os alunos, tanto no projeto quanto nas aulas de História também, porque para pra pensar, aulas de História, não é só sobre copiar conteúdo, é importante ensinar os alunos a serem críticos e os métodos de ensino de História foi bom pra isso.¹⁶

O EPA, na sua essência, não tem como propósito principal de ser um projeto vinculado ao ensino de História, mas sua construção possibilita ao orientador e aos alunos adentrarem em conhecimento que fazem parte da área de História. Nesse contexto, a equipe Brasilidade City, ao estudar as feiras livres da cidade no projeto EPA, desenvolveu habilidades e competências no âmbito do ensino de História. A metodologia do projeto, com a orientação de um professor, proporcionou aos participantes a oportunidade de vivenciar e analisar aspectos históricos e sociais presentes nas feiras.

Segundo Schmidt (2009), práticas que conectam o ensino de História ao cotidiano dos estudantes favorecem a compreensão crítica e reflexiva sobre o passado e o presente, ou seja,

¹⁵ Entrevista concedida por Maria Eduarda Miranda. Ex-aluno do CIEB, Participante do EPA 2022. Rua Marechal Rondon, Doutor Gusmão, Eunápolis, BA n. 500.. Nascido em 05/10/2004. Entrevista 01/04/2024

¹⁶ Entrevista concedida por Claudionor Pereira Teixeira. Coordenador pedagógico do CIEB Eunápolis. R. Paulino Mendes Lima, 674 - Centro, Eunápolis - BA. Entrevista 26/03/2024.

no caso do contato dos estudantes com a feira livre no projeto estimulou o levantamento de questões que cerca esse espaço, como relações sociais, desigualdade, patrimônio cultural.

O EPA, ao aproximar o estudante de sua realidade, propõe que ele enxergue os processos históricos e as questões que se manifestam no convívio direto com a. Ou seja, nesse processo de construção do álbum, influencia o aluno a pensar além do conteúdo programático, possibilitando-lhe uma consciência histórica a partir do que é estudado, como cita o depoente Wilson Ribeiro:

a feira sempre foi caminho pra minha casa. Sempre passei por lá, mas eu não gostava, não, porque tinha muito pedinte, o povo falava que era perigoso e que a comida não era limpa. Tudo mentira! Quando fiz a visita de campo pelo projeto, vi que era tudo diferente. Acho que até fiz amizade lá com dona Maria (risos). O povo fala do que não conhece. Eu mesmo era assim, mas, depois do projeto, mudei minha visão. Teve uma aula que explicou sobre o início da feira, o preconceito com as pessoas negras, e a importância daquele espaço. Na visita de campo, fui pensando nisso e percebi que era verdade mesmo. Aquilo ali ia além do que o povo falava. Hoje, estou na faculdade, faço Ciências Humanas na UFSB, e até fiz um trabalho sobre a marginalização desses espaços e percebi como minha visão mudou após essa experiência com a feira, tipo eu vejo outros espaços que eu tinha medo de forma diferente, como o terreiro e bairros da cidade¹⁷

Para compreender como a construção do projeto da equipe Brasilidade City influenciou na percepção desses espaços como locais importantes para a história da cidade e no rompimento do pensamento marginalizado sobre esses territórios, o álbum se torna uma ferramenta essencial nesse processo. Além disso, ele promove a preservação da memória da feira livre, tendo em vista que resgata histórias, fotografias e representações que poderiam se perder com o tempo, tornando essas fontes em um formato acessível para o ambiente escolar além que o álbum, desenvolvido pela equipe após passar pelas três fases do projeto, retorna para a escola e tende a permanecer na biblioteca, sendo utilizado por alunos e professores como recurso pedagógico. Além da versão física do álbum, a equipe também propôs o desenvolvimento de uma versão virtual, que foi adicionada ao Instagram Brasilidade City, ampliando o alcance e a acessibilidade do material como cita a depoente Kaique Zamerim:

¹⁷ Entrevista concedida por Wilson Ribeiro Ex-aluno do CIEB, Participante do EPA 2022. Rua Marechal Rondon, Doutor Gusmão, Eunápolis, BA n. 500.. Nascido em 05/06/2005. Entrevista 01/04/2024
Entrevista concedida por Suzy Madalena. Articuladora dos projetos artístico

Além do álbum em papel, o grupo também criou uma versão virtual para publicar no Instagram. Pensamos nisso porque, embora o álbum físico fique na biblioteca, nem todos têm acesso fácil a ela. Além disso, a maioria dos estudantes passa mais tempo no Instagram do que na biblioteca. Quando colocamos o álbum no Instagram, ele teve muitas visualizações também é assim, quando pesquisamos sobre as feiras em Eunápolis, foi muito difícil encontrar alguma coisa, e o que achamos era difícil de entender mas com o álbum, isso muda porque quando alguém quiser pesquisar sobre a feira, ele já pode encontrar nosso trabalho na internet de forma fácil.¹⁸

A partir do depoimento de Renata, surgem uma questão importante, a dificuldade de encontrar material de pesquisa sobre as feiras livres de Eunápolis. Apesar disso, a cidade conta com a Universidade Estadual da Bahia (UNEB), que abriga o curso de História e fomenta pesquisas locais, incluindo artigos e monografias que discutem as feiras livres.

No entanto, a produção acadêmica muitas vezes apresenta uma linguagem e estrutura que podem dificultar a compreensão por parte dos alunos. Isso reforça a importância de materiais como o álbum produzido pela equipe Brasilidade City, que leva as informações de forma acessível, facilitando o entendimento e promovendo o interesse por conhecer, compreender e estudar os patrimônios culturais locais, presentes na cidade de Eunápolis.

¹⁸ Depoimento kaique Zamerim. Ex-aluno do CIEB, Participante do EPA 2022. Rua Alameda - Centauro Oeste Eunápolis - BA, n. 21.. Nascido em 05/10/2006. Entrevista 01/04/2024.



Capa do álbum Brasilidade City.
Fonte: Maria Eduarda Miranda¹⁹

O álbum, segundo o regulamento do EPA (2022), deve ser formado por 20 páginas, com a utilização necessária de imagens inéditas. Embora o projeto tenha regras, ele também permite a liberdade de como o álbum pode ser montado e organizado, buscando compreender que o projeto não se constrói apenas reconhecendo os patrimônios por meio das pesquisas e fotos, mas também com a parte artística e organizacional do álbum. Isso revela a identidade dos alunos, como eles compreendem os patrimônios próximos, sendo suas experiências materializadas no álbum.

Podemos observar este processo na fala do depoente Kaique Zamerim :

Eu vi os álbuns das edições passadas e achei meio sem cor, sem vida. Aí, queria fazer um álbum diferente. Ele foi feito pensando no que a equipe sabe de feira e também no que os feirantes falaram. Lá na feira do Bueiro, tinha a parte do açougue, onde o senhor falou que na vaca tudo serve, do couro à carne. Pensando nisso, a capa do álbum foi feita com couro, ou uma imitação, mas tá valendo e também tem as cores também, porque a feira é cheia de cor.²⁰

¹⁹ Foto retirada do Álbum do EPA 2022

²⁰ Depoimento kaique Zamerim. Ex-aluno do CIEB, Participante do EPA 2022 .Rua Alameda - Centauro Oeste Eunápolis - BA, n. 21.. Nascido em 05/10/2006. Entrevista 01/04/2024.

Os alunos estão cada vez mais imersos no meio digital, onde as redes sociais garantem-lhes acesso a uma quantidade alta de fotografias, no entanto, o uso da fotografia como um instrumento de pesquisa histórica não é suficientemente explorado. Contudo o uso da fotografia no projeto ajuda os alunos a cultivar uma abordagem crítica à fotografia e a prática da interpretação de imagens, dessa forma, o uso de imagens antigas possibilita que o aluno realize a leitura e a análise crítica de uma fonte fotográfica, promovendo comparações e compreendendo as mudanças ao longo do tempo.



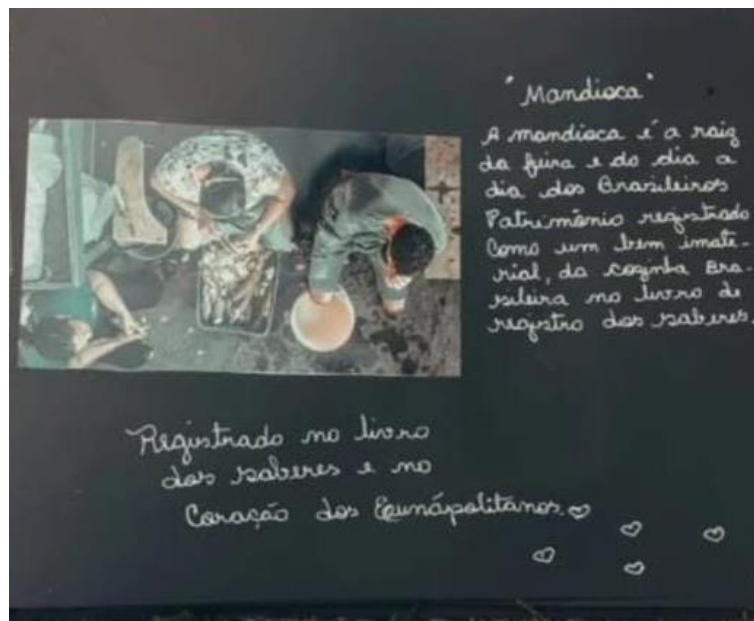
Antiga Feira do Rato na Santo Dumont
Fonte: Retirada do álbum do brasilidade city

A exigência de fotos inéditas propõe ao aluno ir além dos muros da escola, compreendendo o espaço externo como um lugar propício para a construção do conhecimento histórico e das utilizações dos métodos que o aluno aprendeu, como cita a depoente Maria Eduarda Miranda:

A feira se encaixa, a gente foi tirar dúvidas, a gente foi ver se a gente conseguiria, por exemplo, fazer, que foi um obstáculo que eu particularmente pensei em relação às fotos que a gente já está falando com diversas pessoas, que iriam estar topando e até o direito autoral delas está lá no... ter a fala delas. E foi algo que, no caso, a gente conseguiu. Aí essa foi a primeira fase que a gente foi lá, a gente pegou, a gente

conseguiu colocar esse tema, a gente conseguiu ir pra pesquisa de campo e a gente decidiu deixar, não só ter o álbum, como eu falei, de foto, de tudo, mas a gente decidiu deixar algo mais real.²¹

As Fotografias, fruto das visitas de campo, revela a relação de compreensão de mundo dos alunos e a sua intencionalidade. As imagens suscitam discussões importantes, como: quais são os sujeitos presentes nas feiras livres? Quais tipos de produtos se encontram à venda? Quais são as manifestações de saberes que formam a feira livre?



Produção de beiju na Feira do Bueiro
Fonte: Maria Eduarda Miranda²²

Cada foto do álbum possibilita a abertura de discussões e demonstra como os alunos compreenderam esse processo. Ao analisar a imagem acima, retirada do álbum da equipe Brasilidade City, junto com o depoimento de Ester, é possível compreender como essas perguntas foram respondidas. Segundo a depoente Ester:

E fora que, depois de escolher a feira livre, nas visitas de campo, estudamos também sobre os tipos de fontes históricas e jeitos de trabalhar cada uma, como foi o caso das fotos e das entrevistas com os feirantes. E na construção do projeto, percebemos o grande número de pessoas negras na feira, então já começamos a discutir mais ainda sobre a população afro-brasileira. Foi uma loucura, cada dia

²¹ Entrevista concedida por Maria Eduarda Miranda. Ex-aluno do CIEB, Participante do EPA 2022. Rua Marechal Rondon, Doutor Gusmão, Eunápolis, BA n. 500.. Nascido em 05/10/2004. Entrevista 01/04/2024.

²² Foto retirada do Álbum do EPA 2022

que passava tinha mais assuntos e trabalhos, mas foi bom, valeu a pena, ganhamos no final e ficou parecendo um trabalho de investigação de espião (Risos)²³

É necessário compreender que o álbum, como um produto pedagógico formado por fontes, carrega em si uma bagagem de intencionalidade, fruto das discussões e da realidade do mundo dos alunos. A feira livre é abrangente em temáticas e discussões, contudo, o álbum foi construído a partir das relações entre os saberes e os fazeres, com um olhar atento nos saberes e fazeres da população negra. Esse resultado surge das observações feitas pelos alunos sobre os sujeitos que frequentam e fazem parte das feiras livres da cidade de Eunápolis.

O álbum, ao possibilitar a compreensão dos saberes e fazeres da população negra nas feiras livres de Eunápolis, também se alinha à aplicação da Lei nº 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino da história e cultura afro-brasileira nas escolas. Por meio das observações e registros realizados pelos alunos, o álbum evidencia como a contribuição da população negra está presente na dinâmica das feiras, seja nos produtos comercializados, nas práticas culturais ou nas relações sociais. Esse processo não apenas valoriza essas contribuições, mas também estimula uma reflexão crítica sobre a importância da população afro-brasileira na formação histórica e social da cidade de Eunápolis. Além de promover a reflexão sobre a importância da população negra nas feiras de Eunápolis, o álbum também provoca nos alunos uma análise crítica dos problemas enfrentados por esses sujeitos nesse espaço, desde o início da feira até os tempos atuais. Como cita a depoente Maria Eduarda Miranda:

Eu sempre falo bem da feira, mas também não posso deixar de falar dos problemas. Não é culpa dos feirantes, mas da prefeitura e de várias outras coisas. Estava conversando com dona Maria, que tem uma barraca, e ela me disse que os problemas não são de agora. Ela contou que, desde a feira do Rato, lá em cima, já era difícil. Depois, a prefeitura tirou todo mundo de lá e colocou perto do esgoto. Até hoje, ninguém ajudou. Quando chove, fica tudo alagado, e o povo ainda reclama das coisas que vendem por causa do esgoto perto e diz que é coisa de pobre. Eu fiquei triste com isso, porque teve uma aula de História que eu tive no EPA, e o professor falou que esse tipo de pensamento de nojo, de falar mal de alguns espaços, vem da cor da pessoa, é um tipo de racismo. Aí, quando é um mercado de gente rica e branca, não existe esse tipo de comentário²⁴

²³ Entrevista concedida por Ester Matias ,ex-aluno do CIEB, Participante do EPA 2022 . Rua Marechal Rondon, Doutor Gusmão, Eunápolis, BA n. 500.. Nascido em 10/60/2005. Entrevista 05/04/2024

²⁴ Entrevista concedida por Maria Eduarda Miranda . Ex-aluno do CIEB, Participante do EPA 2022 . Rua Marechal Rondon, Doutor Gusmão, Eunápolis, BA n. 500.. Nascido em 05/10/2004. Entrevista 01/04/2024.

Ao explorar o contexto histórico e social da feira, juntamente com as visitas de campo, os estudantes conseguem compreender os desafios enfrentados pela feira livre, que antes causavam estranhamento como resultado do racismo social e geográfico ao espaço da feira, permitindo que os alunos vejam os feirantes não mais como causadores dos problemas estruturais e sociais desse espaço, mas como vítimas de um racismo que afeta tanto as condições do local quanto a forma como ele é visto pela sociedade. Este processo de compreensão dos alunos pode ser analisado a partir do depoimento de Wilson Ribeiro:

Como eu tinha falado, eu tinha um pouco de medo da feira (risos) e até nojo também. Ficava imaginando a coragem da minha mãe de comer lá, mas isso mudou com o EPA. Durante uma visita de campo, uma amiga fez de tudo para que eu comesse uma cocada e eu fiquei morrendo de vergonha, mas acabei comendo. Rapaz, que cocada boa (risos)! Era mais um preconceito da minha parte. Depois, minha amiga comentou sobre a aula que tivemos sobre racismo nesse espaço, e eu fiquei até com vergonha, mas foi assim, aprendendo aos poucos. Hoje, sou fã da feira e fico morrendo de raiva quando alguém fala mal de lá.²⁵

Essa mudança de pensamento, oriunda das questões históricas abordadas no desenvolvimento do projeto, é nítida na decorrer do projeto, seja na elaboração do álbum, mas também nas falas dos alunos, como podemos observar no depoimento de Maria Eduarda Miranda, participante da equipe Brasilidade City:

Menino, antes de tirar as fotos da feira, eu fiquei pensando, sendo bem verdadeira aqui, eu fiquei com medo. Primeiro porque eu achava que era perigoso e fiquei com medo de roubarem a câmera. Segundo, porque eu sempre passava pela feira e pensava: que lugar bonito tem ali? Porque o que eu via era esgoto, sujeira e as paredes sujas. Então, eu estava errada. Tipo, existem essas coisas, sim, mas aí é complicado, porque os feirantes fazem de tudo pra deixar o lugar limpo, mas às vezes fica até difícil, porque não tem uma rede de esgoto boa, e o esgoto fica ali perto. Além disso, uma mulher da feira falou que já tinha mais de dois anos que a prefeitura não pintava o espaço. Fora quando chove ,teve uma visita de campo que cancelamos porque estava perigoso ficar na feira ,a agua leva tudo

²⁵ Entrevista concedida por Wilson Ribeiro Ex-aluno do CIEB, Participante do EPA 2022 . Rua Marechal Rondon, Doutor Gusmão, Eunápolis, BA n. 500.. Nascido em 05/06/2005. Entrevista 01/04/2024
Entrevista concedida por Suzy Madalena. Articuladora dos projetos artístico

,então, é complicado mas mesmo assim eu achei muitos lugares bonitos pra tirar fotos. Na verdade, o povo da feira é um povo bonito, e isso ajudou.²⁶

Contudo, esse processo de mudança de olhar sobre a feira, além dos conteúdos trabalhados em sala, foi enriquecido pelo contato com os feirantes. A abertura para ouvir esses sujeitos, por meio da história oral, foi fundamental, permitindo novas narrativas sobre a feira e a cidade a partir das vivências dos próprios feirantes.

A história oral pode dar grande contribuição para o resgate da memória nacional, mostrando-se um método bastante promissor para a realização de pesquisa em diferentes áreas. É preciso preservar a memória física e espacial, como também descobrir e valorizar a memória do homem. A memória de um pode ser a memória de muitos, possibilitando a evidência dos fatos coletivos (THOMPSON, 1992: 17)

Contudo, além do processo fotográfico, o álbum oferece ao aluno a oportunidade de acessar metodologias como a História Oral, uma ferramenta importante para a realização do projeto. A História Oral é fundamental, pois incentiva o aluno a compreender aquele espaço em suas dimensões sociais e históricas. Quando se trata dos saberes e fazeres, a oralidade ocupa um papel central, pois está ligada à transmissão de conhecimentos passados de geração em geração. Por meio das entrevistas com feirantes e outros participantes, os alunos têm contato direto com narrativas pessoais que revelam a memória coletiva e as tradições enraizadas nas feiras livres.

Por fim, ao utilizar depoimentos como metodologia, o projeto abre espaço para observar a cidade de Eunápolis através de narrativas silenciadas ao longo do tempo. Narrativas de sujeitos que foram marginalizados e frequentemente colocados como irrelevantes diante da história oficial da cidade. Quando o aluno utiliza a História Oral nas feiras da cidade, possibilita compreender e divulgar narrativas marginalizadas, além de refletir sobre as estruturas de poder que perpetuam o racismo e a invisibilidade sobre esses espaços e os sujeitos presente nelas.

Além de entender esses processos e desenvolver um conhecimento crítico, a equipe Brasilidade City também teve o papel de compartilhar os resultados e as experiências adquiridas sobre a feira livre, dando destaque às vivências dos feirantes, registradas por meio da História Oral. Possibilitando que suas histórias sejam ouvidas e também que outros pessoas

²⁶ Entrevista concedida por Maria Eduarda Miranda . Ex-aluno do CIEB, Participante do EPA 2022 . Rua Marechal Rondon, Doutor Gusmão, Eunápolis, BA n. 500.. Nascido em 05/10/2004. Entrevista 01/04/2024.

entendam a importância e os desafios da feira livre, como mencionou o depoimento de Wilson Ribeiro:

Eu tinha vários preconceitos sobre a feira, porque acreditava no que as pessoas falavam. Ae por causa disso ,juntei com o pessoal da equipe, e criamos um Instagram para mostrar o dia a dia da feira, os saberes que existem lá, a importância da feira e, também, os problemas que os feirantes enfrentam e tem que mostra os problemas para o povo ver que a culpa não é dos feirantes e também cobrar da prefeitura²⁷

Contudo, essa iniciativa do Instagram não faz parte das necessidades ou das regras do projeto EPA, mas surgiu de forma espontânea pelos estudantes, como resultado do processo crítico desenvolvido ao longo da construção do álbum. O projeto EPA também incentivou a troca e o compartilhamento dos resultados, tornando necessária a apresentação dos resultados aos estudantes da rede estadual do NTE 27. Os alunos apresentaram sobre a feira, os resultados alcançados e o produto final, o álbum. Em 2022, a apresentação ocorreu em setembro, quando a equipe Brasilidade City conquistou o primeiro lugar no EPA 2022 da região.

Portanto, a construção do projeto sobre a feira livres de Eunápolis ,tende a ser um conjunto de metodologias, revelando um processo de ensino e aprendizagem significativo que o projeto oferece ao estudante ,principalmente na aplicação de metodologias do ensino de história . A construção do álbum coloca o aluno como protagonista e produtor de conhecimento, promovendo uma compreensão crítica do espaço pesquisado, dessa forma, o álbum se torna uma ferramenta de grande importância pedagógica, pois integra diferentes abordagens metodológicas e estimula o desenvolvimento de habilidades como a pesquisa, análise crítica e reflexão sobre a realidade histórica e social ao seu redor e possibilita o rompimento da marginalização do espaço e saberes.

CONCLUSÃO

O EPA, com seus projetos educativos em todo o estado da Bahia, segue as diretrizes e formas de avaliação estabelecidas, mas se adapta à realidade das escolas e dos alunos ao

²⁷ Entrevista concedida por Wilson Ribeiro Ex-aluno do CIEB, Participante do EPA 2022 . Rua Marechal Rondon, Doutor Gusmão, Eunápolis, BA n. 500.. Nascido em 05/06/2005. Entrevista 01/04/2024
Entrevista concedida por Suzy Madalena. Articuladora dos projetos artístico

costrar suas experiências e olhares sobre o patrimônio ao seu redor. Cada projeto, cada álbum, carrega em si a sua originalidade e reflete o ensino que a escola oferece ao estudante. Ou seja, o trabalho se constrói através das discussões e formações que a escola proporciona, alinhando-se com o conhecimento prévio que o aluno já possui.

A equipe Brasilidade City possibilita a compreensão desses processos mencionados anteriormente. O primeiro ponto é o método que a escola desenvolve, permitindo ao estudante um ensino crítico, o que se revela na construção do álbum e nos depoimentos dos alunos. O segundo ponto é o conhecimento prévio que os alunos carregam consigo, e como esse conhecimento é moldado pelos meios que eles vivenciam e pelos processos de marginalização e silenciamento que a cidade carrega. Esses fatores influenciam a forma como eles percebem o patrimônio e a história local, e como essa percepção é transformada ao longo do projeto.

A equipe discutiu, no EPA de 2022, o espaço da feira livre, não apenas como um local de comércio, mas também como um espaço de memória, que possibilita compreender a história local por meio dos sujeitos que ali estão. Além disso, o projeto contribuiu para promover o senso crítico dos alunos, incentivando-os a olhar para aquele espaço com uma nova perspectiva, oriunda dos processos críticos e do conhecimento histórico promovidos nas aulas de história, com utilização de metodologias com fontes oral e visual foi fundamental para compreender a feira livre como um espaço de memória. Essas abordagens metodológicas influenciaram os alunos a ampliarem seus conhecimentos e a repensarem sua percepção sobre o espaço, reconhecendo a importância da feira para a história da cidade.

Além disso, possibilitou o reconhecimento de narrativas silenciadas ao longo do tempo, permitindo que os estudantes acessassem e valorizassem experiências e saberes que foram marginalizados e muitas vezes esquecidos. Através das entrevistas, imagens e outras fontes, os alunos puderam compreender o processo histórico envolvendo a feira, desenvolver um senso crítico sobre as questões sociais associadas e também gerar visibilidade sobre a importância desse espaço para a cidade. Esses três pontos são fundamentais para o rompimento de preconceitos acerca da feira e dos sujeitos presentes nela.

Contudo, a produção do projeto pela equipe Brasilidade City também permitiu o desenvolvimento do álbum que inclui registros das visitas de campo, fotos e depoimentos. Além disso o tornou uma ferramenta importante, não apenas para discutir a importância da feira e os problemas a ela associados, mas também como uma ferramenta no processo de ensino-aprendizagem de História. O álbum permanece exposto no CIEE e, além disso, o modelo online possibilita o acesso aos materiais para futuras pesquisas dos estudantes da rede municipal e estadual.

FONTE ORAIS

Claudionor Pereira Teixeira : Entrevista concedida por Claudionor Pereira Teixeira. Coordenador pedagógico do CIEB Eunápolis . R. Paulino Mendes Lima, 674 - Centro, Eunápolis - BA. Entrevista 26/03/2024.

Depoimento Alzira Coitinho : Depoimento Alzira Coitinho. Ex-Feirante da feira do Bueiro .Rua Av. Dom D Pedro II- Centro, Eunápolis - BA.. Nascido em 17/06/1952. Entrevista 01/11/2024.

Ester Matias : Entrevista concedida por Ester Matias ,ex-aluno do CIEB, Participante do EPA 2022 . Rua Marechal Rondon, Doutor Gusmão, Eunápolis, BA n. 500.. Nascido em 10/60/2005. Entrevista 05/04/2024

kaique Zamerim : Depoimento kaique Zamerim. Ex-aluno do CIEB, Participante do EPA 2022 .Rua Alameda - Centauro Oeste, Eunápolis - BA, n. 21. Nascido em 05/10/2006. Entrevista 01/04/2024

Maria Eduarda Miranda : Entrevista concedida por Maria Eduarda Miranda . Ex-aluno do CIEB, Participante do EPA 2022 . Rua Marechal Rondon, Doutor Gusmão, Eunápolis, BA n. 500.. Nascido em 05/10/2004. Entrevista 01/04/2024.

Maria Jose de Jesus : Depoimento Maria Jose de Jesus . Feirante da feira do Bueiro e Pequi .Rua Av. Dom D Pedro II- Centro, Eunápolis - BA.. Nascido em 20/08/1977. Entrevista 02/11/2024.

Sebastiana Maria de Jesus : Depoimento Sebastiana Maria de Jesus . Ex-Feirante da feira do Bueiro .Rua Av. Dom D Pedro II- Centro, Eunápolis - BA.. Nascido em 28/30/1945. Entrevista 02/11/2024.

Suzy Madalena : Entrevista concedida por Suzy Madalena. Articuladora dos projetos artístico do NTE 27Av. Duque de Caxias - Centro, Eunápolis - BA. Entrevista 23/04/2024.

Wilson Ribeiro : Entrevista concedida por Wilson Ribeiro Ex-aluno do CIEB, Participante do EPA 2022 . Rua Marechal Rondon, Doutor Gusmão, Eunápolis, BA n. 500.. Nascido em 05/06/2005. Entrevista 01/04/2024

REFERÊNCIAS

- ABREU, Regina; CHAGAS, Mário (orgs). **Memória e patrimônio**: ensaios contemporâneos. Rio de Janeiro: DP&A, 2003
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. Ensino de História: fundamentos e métodos. 5. Ed. – São Paulo: Cortez, 2018.
- CASTRO, J. V.; LUCINI, M. A produção de álbuns fotográficos nas aulas de história como experiência de educação patrimonial. EBR - Educação Básica Revista, Sorocaba, v. 4, n. 1, p. 34-50, 2018
- EPA | escolas**, Ba.gov.br, disponível em: <<https://escolas.educacao.ba.gov.br/epa>>. acesso em: 7 maio. 2024.
- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan). Patrimônio Cultural Imaterial : para saber mais / Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional ; texto e revisão de, Natália Guerra Brayner. -- 3. ed. -- Brasília, DF : Iphan, 2012.
- IPHAN. *Patrimônio Cultural: Práticas e Reflexões*. Brasília: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 2012.
- LE GOFF, Jacques. História e Memória; tradução Bernado Leitão... [et. al.]. – 4 ed. – Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996.
- LEAL, Elisabete; PAIVA, Odair da Cruz (Orgs) Patrimônio e História. Londrina: Unifil, 2014
- MASCARENHAS, G.; DOLZANI, M. C. S. Feira livre: Territorialidade popular e cultura na metrópole contemporânea - DOI 10.5216/ag.v2i2.4710. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 2, n. 2, p. 72–87, 2008. DOI: 10.5216/ag.v2i2.4710. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/ateli/article/view/4710>. Acesso em: 30 dez. 2024.
- MEDEIROS, Mércia Carréra de; SURYA, Leandro. A Importância da Educação Patrimonial Para a Preservação do Patrimônio. IN: CHUVA, Márcia; NOGUEIRA, Antônio Gilberto Ramos (Orgs.).

- Patrimônio Cultural Políticas e Perspectivas de Preservação no Brasil. Rio de Janeiro. Mauad X, 2012 – e-book).
- NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Trad. Yara Khoury. Projeto História, São Paulo: PUC-SP, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.
- PORTELLI, Alessandro. O que faz a história oral diferente. Revista do Programa de Estudos de Pós-graduação em História, São Paulo, n. 14, 1997.
- SANTOS, Hamilton Rodrigues do. Sementes do tempo, colheitas da vida: cultura e trabalho de feirantes do Recôncavo Baiano – Santo Antônio de Jesus (1950-1970). 2018. 361f.- Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em História, Fortaleza (CE), 2018.
- SANTOS, Hamilton Rodrigues dos. Feirantes em ação: a dinâmica desse mundo do trabalho no Recôncavo Sul da Bahia - Santo Antônio de Jesus (1950-1970). In: SIMPÓSIO DE HISTÓRIA NACIONAL. CONTRA OS PRECONCEITOS: HISTÓRIA E DEMOCRACIA., 29., 24-28 jul. 2017, Brasília. Anais... Brasília: Associação Nacional de História, 2017.
- SARDELICH, Maria Emilia. Leitura de imagens, cultura visual e prática educativa. In: Cadernos de Pesquisa, vol. 36, nº 128, São Paulo: Fundação Carlos Chagas, ago. 2006, p. 451-472.
- SCHMIDT, M. A. M. dos S. CONCEPÇÕES DE APRENDIZAGEM HISTÓRICA PRESENTES EM PROPOSTAS CURRICULARES BRASILEIRAS. **História Revista**, Goiânia, v. 14, n. 1, p. 203–213, 2009. DOI: 10.5216/hr.v14i1.8176. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/historia/article/view/8176>. Acesso em: 30 dez. 2024.
- SCHMIDT, Maria Auxiliadora; GARCIA, Tânia Braga. O trabalho histórico na sala de aula. **História & Ensino**, [S. l.], v. 9, p. 223–242, 2003. DOI: 10.5433/2238-3018.2003v9n0p223. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/histensino/article/view/12086>. Acesso em: 5 nov. 2024.
- THOMPSON, Paul. A voz do passado. São Paulo: Paz e Terra, 1992.
- ZARAGOZA, Gonzalo. La investigación y la formación del pensamiento histórico del adolescente. In. CARRETEROIM.;POZOJ.I.; ASENSIO, M. Ccompiladores). La enseñanza de las Ciencias Sociales. Madrid: Visor Distribuciones, 1989.

